

Triângulo Rosa: vestígios de uma memória gráfica LGBTIAPN+.

Triângulo Rosa: vestígios de una memoria gráfica LGBTIAPN+.

The pink triangle: traces of an LGBTIAPN+ graphic memory.

Guilherme Altmayer, Maria Mercante, Larissa Lopes

memória gráfica, queer, triângulo rosa, design

Este artigo investiga práticas de memória gráfica LGBTIAPN+ a partir do triângulo rosa como símbolo gráfico utilizado por movimentos dissidentes sexuais e de gênero. O objetivo é compreender as maneiras como essa forma geométrica, usado pelo regime nazista para identificar prisioneiros em campos de concentração, foi apropriada e transformada em emblema de resistência nos EUA, Europa e, posteriormente, no Brasil, a partir da década de 1970. A metodologia inclui levantamento bibliográfico e imagético inédito de vestígios e aparições digitais do triângulo rosa em acervos e práticas de arquivo - em diferentes contextos e suportes. Os resultados revelam uma memória gráfica transnacional, fragmentada e em constante mutação, como tática de lutas políticas LGBTIAPN+. O estudo contribui para expandir o campo da memória gráfica LGBTIAPN+ e genealogia de movimentos políticos dissidentes a partir de seus vestígios gráficos.

memoria gráfica, queer, triángulo rosa, diseño

Este artículo investiga las prácticas de memoria gráfica LGBTIAPN+ a partir del triángulo rosa como símbolo gráfico utilizado por los movimientos disidentes sexuales y de género. El objetivo es comprender las formas en que esta figura geométrica, utilizada por el régimen nazi para identificar a los prisioneros en los campos de concentración, fue apropiada y transformada en emblema de resistencia en Estados Unidos, Europa y, posteriormente, en Brasil, a partir de la década de 1970. La metodología incluye un estudio bibliográfico y visual inédito de los vestigios y apariciones digitales del triángulo rosa en colecciones y prácticas de archivo poco ortodoxas, en diferentes contextos y soportes. Los resultados revelan una memoria gráfica transnacional, fragmentada y en constante mutación, como táctica de las luchas políticas queer. El estudio contribuye a ampliar el campo de la memoria gráfica LGBTIAPN+ y la genealogía de los movimientos políticos disidentes a partir de sus vestigios gráficos.

graphic memory, queer, pink triangle, design

This article investigates LGBTIAPN+ graphic memory practices based on the pink triangle as a graphic symbol used by sexual and gender dissident movements. The aim is to understand the ways in which this geometric shape, used by the Nazi regime to identify prisoners in concentration camps, was appropriated and transformed into an emblem of resistance in the US, Europe and, later, Brazil, from the 1970s onwards. The methodology includes a bibliographic and digital image survey of traces and appearances of the pink triangle in collections and unorthodox archival practices - in different contexts and media. The results reveal a transnational, fragmented and constantly changing graphic memory as a tactic of queer political struggles. The study contributes to expanding the field of LGBTIAPN+ graphic memory and the genealogy of dissident political movements based on their graphic traces.

1 Introdução

Este artigo tem como objetivo dar a ver como o triângulo rosa — insígnia gráfica utilizada pelo regime nazista para identificar homens homossexuais nos campos de concentração — foi apropriado, a partir da década de 1970, e utilizado como símbolo de luta política, memória coletiva (Halbwachs, 1990) e de resistência pelas dissidências sexuais e de gênero na Europa, Estados Unidos e no Brasil. Para tal, realizamos um levantamento inédito no campo do design de vestígios de diferentes manifestações gráficas e aplicações que tornaram este símbolo sinônimo de luta dissidente transnacional — como cartazes e faixas de protesto, bottoms, logotipos e monumentos.

Através de uma contextualização histórica fundada em investigações consolidadas sobre o tema (Jensen, 2002; Settingington, 2017; Newsome, 2022) buscamos evidenciar suas transformações semânticas e diferentes aplicações ao longo do tempo. Bem como discutir de que forma práticas do design e da memória gráfica (Farias, Braga, 2018) contribuem para a construção de lugares de memória (Nora, 2008) e visualidades dissidentes.

O recorte temporal centra-se no período que vai da Segunda Guerra Mundial — quando o triângulo rosa foi adotado pelo regime nazista — até sua apropriação por dissidências *queer* (Campbell, 2019) a partir dos anos 1970, período em que se intensificam aqueles que ficaram conhecidos como movimentos de liberação homossexual (Jensen, 2002) - com o objetivo de evidenciar a continuidade das violências e discriminações perpetradas contra essas populações, mesmo após findada a segunda guerra.

Inserido no contexto do projeto de pesquisa *Design e memória coletiva: humanidades digitais para práticas de história pública em rede aberta* desenvolvido na ESDI/UERJ, o artigo apresenta um recorte dos resultados das pesquisas imagéticas e bibliográficas em andamento sobre o triângulo rosa para artigo da Wikipédia¹ e a linha do tempo *Forma da Liberdade* na plataforma tropicuir.org². Ambas práticas de história pública (Liddington, 2011) e divulgação científica compõem o projeto extensionista *WikiDesign*³ que visa a ampliação do acesso digital a histórias e memórias LGBTIAPN+ a partir do design e memória gráfica. Todas as imagens aqui apresentadas contam com licenças abertas, e estão devidamente creditadas.

O percurso proposto inicia com uma fundamentação teórica de conceitos chaves que norteiam a presente pesquisa - lugares de memória, teoria *queer*, memória gráfica. Em seguida apresentamos os métodos utilizados na obtenção dos resultados parciais, para então, através da contextualização histórica, apresentar vestígios das aplicações gráficas do triângulo rosa nos diferentes espaços e tempos.

¹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Triângulo_rosa

² <https://www.tropicuir.org/forma-da-liberdade/>

³ <https://www.esdi.uerj.br/ppdesdi/organizacoes-de-pesquisa/6463/wikidesign>

2 Fundamentação teórica: memória gráfica e lutas políticas dissidentes

A resignificação de injúrias e termos historicamente utilizados de forma pejorativa, como bicha, sapatão, travesti ou *queer* — palavra originalmente ofensiva em inglês, mas que deu nome aos estudos *queer* — é uma das estratégias fundamentais desse campo teórico. A ideia de resignificação de um xingamento atua como ferramenta política e epistemológica, convertendo signos de opressão, violência e dor, em instrumentos de resistência e fortalecimento de lutas políticas. Esses processos dão lugar a produção de saberes críticos a um conjunto de normas e discursos que tornam a cisheteronormatividade o normal (Altmayer, 2016). Um sistema que pressupõe a heterossexualidade compulsória, e uma localização binária essencialista entre homem e mulher a partir apenas de um traço biológico. Neste sentido, propomos *queerizar*, ou estranhar o olhar para dar a ver relações entre design, memória gráfica e lutas políticas dissidentes.

Queerizar, segundo Portinari (2017), consiste em abrir os olhos do campo para as implicações éticas, estéticas e políticas de suas práticas na atualidade. Abertura que se dá, segundo a autora, a partir de um processo de sensibilização e tensão do campo sobre suas práticas e seus escoamentos políticos, éticos e subjetivos, “abordando-o enquanto processo social de configuração do sensível compartilhado, do espaço comum” (Portinari, 2017, p. 2).

Entendemos também que esta *queerização* passa por um olhar para manifestações gráficas no presente artigo que escapam o rigor da forma, que subvertem o ‘bom’ design, que não necessariamente são realizadas por designers, que não habitam arquivos oficiais; lugares de memórias que podem provocar distorções em códigos de significação dominantes e, de um ponto de vista estético-político, produzir feísmos, abjeções, estéticas *camp* (Preciado, 2010).

Pierre Nora (2008) define como lugares de memória não somente monumentos, espaços, paisagens ou objetos, mas também festas, emblemas, canções - em suma, todas as representações materiais ou simbólicas que são portadoras de memória. De forma complementar, no conceito de memória coletiva de Halbwachs (1990), estas materialidades se tornam lugares de memórias quando ativadas coletivamente. Assim, a memória, que é também lugar de comunicação e de divulgação, nos conduz a uma tomada de consciência baseada não nas sombras do esquecimento, mas na necessidade de reflexão política.

No campo da memória e da história, Pierre Nora (1993) argumenta que a globalização e a midiática introduziram novas perspectivas, substituindo memórias herdadas de contextos coloniais. Para o autor, essas sociedades baseadas na memória reproduziam valores e narrativas sustentadas pela violência colonial. Nesse contexto, o triângulo rosa — objeto deste texto — configura-se como lugar de memória, afetivamente vinculado a momentos históricos transnacionais. Seu resgate por meio de narrativas antes silenciadas constitui um gesto decolonial, que desafia memórias tratadas como verdades absolutas, permitindo que o símbolo seja reinterpretado e resignificado com novos sentidos e subjetividades.

A partir dessa perspectiva, o triângulo rosa transita entre o campo da memória coletiva e o da história pública. Como lugar de memória, ele sintetiza processos de construção, transmissão e ambientação simbólica, evocando um sentido profundo de pertencimento e continuidade

dentro da memória coletiva. Nesse sentido, o triângulo não é apenas um vestígio do passado, mas elemento ativo na construção de identidades dissidentes nas diversas formas de manifestação gráfica (Delgado, 2003), algumas delas aqui apresentadas.

Partindo do entendimento da contribuição da memória gráfica para a história do design na construção de identidades e representações a partir de manifestações gráficas, buscamos investigar vestígios das manifestações visuais do triângulo como artefato de informação. Sua dualidade de significados e ressignificações como símbolo de lutas políticas demonstra como um único elemento gráfico pode carregar diversos sentidos.

No contexto nazista, como veremos, estratégias visuais foram aplicadas por meio de uma codificação cromática para classificar prisioneiros - garantindo eficiência comunicativa ao atender às necessidades de informação e controle, segundo definição de Design da Informação (SBDI, 2020).

Ao longo da história, diversos elementos gráficos foram utilizados como símbolos políticos de identificação, vide a suástica (símbolo nazista) ou a cruz celta (suprematismo branco), que se tornaram um veículo de comunicação de experiências e memórias históricas coletivas marcadas pela violência, preconceito e pelo genocídio. Esses símbolos exercem uma função comunicativa e identificadora, evidenciando como o design pode ser instrumentalizado para categorizar e segregar indivíduos.

Por outro lado, a apropriação do triângulo rosa ao longo do tempo, objeto do presente artigo, demonstra a capacidade do design de também contribuir para a transformação social, reafirmando seu papel essencial na construção e reconstrução de narrativas. A reflexão sobre os usos do triângulo rosa como símbolo de luta, surge como uma frente de comunicação de lutas contra violências e opressões, e se imprime como vestígios da memória e da história de um tempo que não se pode nunca esquecer (Nora, 1993). Esses vestígios não apenas alimentam uma memória coletiva (Halbwachs, 1990), mas possibilitam a construção de uma identidade que ressignifica seu uso original, convertendo-o em um emblema de resistência e orgulho: “são vestígios memoriais de uma prática e da produção em design” (Fonseca, 2021, p. 11).

Nesse contexto, a memória associada ao triângulo adquire um caráter ficcional em sua história imagética (Nora, 1993). Por meio do design da informação e da memória gráfica, torna-se possível decodificar contextos socioculturais, históricos e contemporâneos, ampliando a percepção do indivíduo para além do mero utilizador, mas como construtor de significados.

Por estar sempre em movimento, esses processos permeiam diversas visões e análises sobre o passado, projetando-se para o futuro sob marcas da historicidade (Delgado, 2003), como buscamos evidenciar as diversas investigações sobre o triângulo rosa realizada por historiadores como Elman (1996) em *Triângulos e tribulações: a política dos símbolos nazistas* Jensen (2002) em *O Triângulo Rosa e a Consciência Política: Gays, Lésbicas e a Memória da Perseguição Nazista*; Newsome (2022) em *O legado do triângulo rosa: assumindo-se à sombra do Holocausto*; e Settingington (2017) em *Marcados Pelo Triângulo Rosa* (traduções nossas).

No campo do design, as investigações sobre o triângulo rosa como memória gráfica ainda são bastante escassas, tendo aparecido no livro *Queer X Design: 50 anos de sinais, símbolos, faixas, logotipos e arte gráfica da comunidade LGBTQ* (Campbell, 2019) e no livro *Tropicuir: estético-políticas transviadas – memória, arquivo, design* (Altmayer, 2022).

3 Metodologia

A pesquisa aqui apresentada, em andamento, se debruça sobre uma abordagem exploratória e bibliográfica, fundamentando-se em vestígios imagéticos obtidos em fontes e acervos digitais para investigar a linguagem visual na construção de sentidos e a apropriação do triângulo rosa enquanto símbolo de luta política de dissidências sexuais e de gênero em diferentes contextos históricos na Europa, Estados Unidos e Brasil.

Para a reunião destes vestígios, realizamos buscas através de palavras-chaves e termos específicos - tanto em inglês (*pink triangle*, *black triangle*) quanto em português (triângulo rosa, triângulo preto, luta política, nazismo) chegando a resultados fragmentados a partir de distintos meios - desde acervos institucionais a vídeos do YouTube. O número expressivo de resultados do termo triângulo rosa em comparação com o triângulo preto, em ambos os idiomas, evidencia a propagação do primeiro em diferentes frentes de luta, enquanto que o segundo foi majoritariamente incorporado na bandeira do orgulho lésbico.

Assim, lançamos mão de uma perspectiva das humanidades digitais, para uma investigação em rede que nos levou a acervos digitais institucionais (como *Holocaust Memorial and Tolerance Center* nos EUA, *Centre of Democracy* na Austrália, e sites de memórias de campos de concentração), todos com limitado acesso a acervos digitalizados. Acessamos também blogs especializados como Archdaily e websites independentes dedicados à cultura (como o queerexhibition.org) e ONGs e ativismos LGBTIAPN+ (Grupo Dignidade, Grupo Gay da Bahia). Além disso, foram levadas em conta fontes de memória consideradas pouco ortodoxas e não institucionalizadas, ampliando a visão sobre o triângulo nos contextos pretendidos, incluindo o Instagram e YouTube, por vezes únicas plataformas viáveis para a comunicação de memórias LGBTIAPN+.

A seguir serão apresentados alguns desses vestígios inseridos em uma contextualização histórica, que, longe de pretender esgotar suas evidências, dão a ver como a reunião desta memória gráfica contribui para a preservação da memória coletiva, e evidenciam a transnacionalidade do uso da forma geométrica triângulo em múltiplos meios, nos processos de reparação histórica e luta política LGBTIAPN+.

4 Contextualização histórica

Terceiro Reich e os símbolos gráficos da segregação

A ascensão do Terceiro Reich no poder na Alemanha, se deu em um contexto onde homossexuais já eram “ilegais” pelo parágrafo 175 (Settington, 2017). Milhares deles foram

presos nos campos de concentração e identificados. Os sistemas de identificação para os prisioneiros se tornaram essenciais para evidenciar os marcadores de segregação e condenação. Desde a marcação com a estrela de Davi em casas e estabelecimentos comerciais judeus, foram utilizadas também tatuagens, roupas, emblemas e braçadeiras. A redução de um ser humano para uma forma, um número, um rótulo, um símbolo gráfico era uma forma de desumanizar os perseguidos (Rorholm & Gambrell, 2019).

Esses métodos, além de identificar os detentos, reforçavam a hierarquia de opressão e controle dentro dos campos de concentração. Nesse contexto, o triângulo com a ponta voltada para baixo se tornou uma das formas de efetivar a segregação utilizada para controlar os prisioneiros (Rorholm & Gambrell, 2019).

Seu desenho e aplicação tinha como base a estrela de Davi (composta por dois triângulos entrelaçados), que já havia sido transformada em um instrumento de marginalização dos judeus. Para além disso, no alfabeto sagrado grego, ele simbolizava a vulva da "Mãe Delta". Considerando o desprezo nazista pelos judeus e pelo feminino, é significativo que esse símbolo tenha sido apropriado para estigmatizar aqueles forçados a usá-lo. Os triângulos, confeccionados em tecido e costurados nos uniformes dos detentos, foram então divididos por cores e passaram a identificar diversas "categorias" de prisioneiros (Elman, 1996) conforme evidencia a figura abaixo e a tabela a seguir:

Figura 1: Visualização de dados para identificação de prisioneiros em campos de concentração nazistas.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Triângulos_do_Holocausto

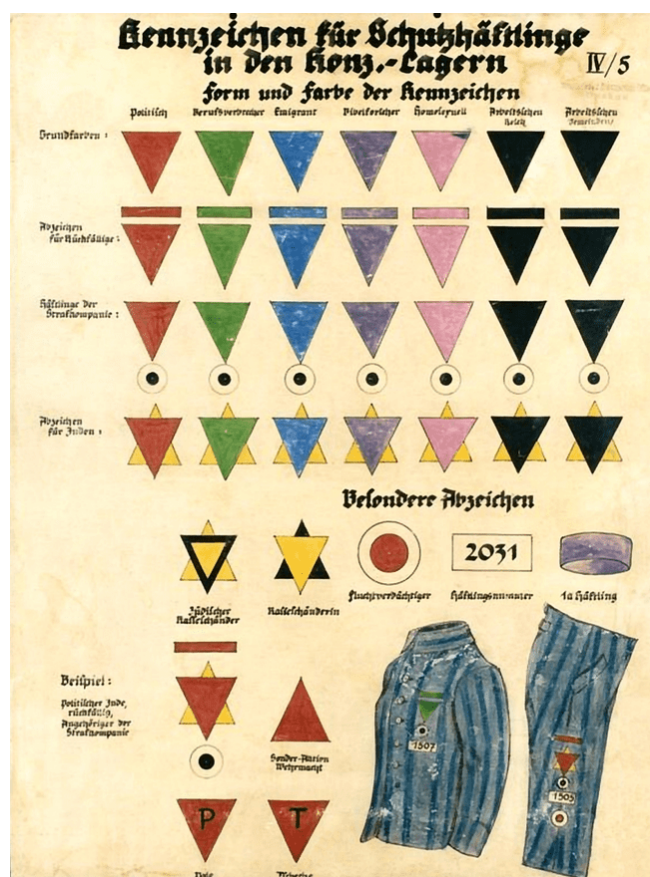


Tabela 1: Forma e cor da marcação dos prisioneiros dos campos de concentração. Tradução e diagrama das autoras a partir da Figura 1.

	Dissidentes políticos ⁴	Criminoso Comum	Imigrantes	Testemunha de Jeová	Homossexual	Excluídos Sociais ⁵
Triângulos simples						
Prisioneiros reincidentes						
Membros de um pelotão disciplinar						
Marcas para judeus						
Marcas especiais	 "Miscigenador judeu" (acusado de relações sexuais entre "raças")	 "Miscigenadora" (mulher acusada de relações com judeus ou outros "não arianos")	 Perigo de fuga (risco de fuga)	 3846296229 Número do prisioneiro	 3846296229 As marcações aplicáveis eram usadas na seguinte ordem: número do prisioneiro, faixa para reincidentes, triângulo ou estrela, membro de uma companhia de punição, suspeito de fuga.	
	 Polonês: "P" sobre um triângulo vermelho	 Tcheco: "T" sobre um triângulo vermelho	 Membro da Wehrmacht: triângulo vermelho invertido ⁶	 Prisioneiro especial: braçadeira marrom		

Embora até hoje não se saiba ao certo o motivo pelo qual a cor rosa foi escolhida para marcar homossexuais – que eram perseguidos por apresentarem traços minimamente femininos –, Setterington (2017) aponta que, ainda mais do que hoje, seria humilhante para um homem usá-la. Essa percepção reforça estigmas de gênero que atravessam diferentes períodos históricos.

⁴ Incluindo comunistas, sociais-democratas, liberais, anarquistas e maçons

⁵ Alcoólatras, sem-teto, mendigos, nômades, prostitutas, mulheres adúlteras, lésbicas

⁶ Wehrmacht eram as forças armadas da Alemanha Nazista de 1935 até 1945. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Wehrmacht>

O triângulo rosa viria a se tornar, como veremos a seguir, um símbolo de memória coletiva e de significado para dois grupos muito diferentes, porém conectados: os prisioneiros homossexuais masculinos detidos em campos de concentração na Alemanha nazista, e os movimentos ativistas dissidentes a partir da década de 1970.

Os invertidos invertem o triângulo

Em 1972, foi lançado na Alemanha o livro *Die Männer mit dem rosa Winkel* ou *O Homem com o triângulo rosa* (tradução nossa), escrito sob o pseudônimo Heinz Heger. A obra relata a trajetória de Josef Kohout, um homem homossexual, nos campos de concentração nazistas, o primeiro relato com este recorte. O livro, que trazia um triângulo rosa na capa como ilustração, teve grande repercussão. No mesmo ano, o grupo gay *Rot Zelle Schwul* de Frankfurt utilizou e distribuiu botons com triângulos rosa impressos durante um protesto. Alguns integrantes receavam que o significado do símbolo não fosse prontamente compreendido pelo público em geral e adicionaram a palavra *schwul* (gay) em negrito sobre um fundo branco nos broches (Newsome, 2022).

Os botons eram uma forma de emular a marcação nazista dos prisioneiros, e passaram a ser largamente utilizados em protestos - sempre acompanhados de palavras, como a do Movimento de Liberação Gay da Austrália⁷ em 1973, ou na parada do orgulho lésbico e gay de Liverpool na Inglaterra, em 1991. Já em 1978, em protesto, o ativista gay Harvey Milk veste uma bandana no braço com o triângulo rosa⁸, emulando a mesma posição em que os triângulos eram costurados nos uniformes.

Figura 2: Botons Lesbian+Gay Pride 1991. Autor: Richie Wright.

Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Pride_in_Liverpool



Para Newsome (2022), através da evocação dos campos de concentração, o triângulo rosa assumia o papel de lembrança contundente das perseguições que pessoas dissidentes sofreram em um passado recente da história. Ao adotá-lo, ativistas homossexuais buscavam também evidenciar a contínua exclusão e violência enfrentada pela população LGBTIAPN+.

O triângulo rosa, portanto, condensava uma tensão fundamental entre duas frentes do ativismo: por um lado, a necessidade de rememorar a homofobia e a exclusão histórica; por

⁷ <https://www.centreofdemocracy.sa.gov.au/collection/gay-liberation-2/>

⁸ <https://www.hmtcli.org/events/curators-corner-harvey-milk-and-reclaiming-the-pink-triangle>

outro, o desejo de romper com esse passado opressor e afirmar uma identidade baseada na autonomia e no poder de agir (Newsome, 2022).

A partir da diversidade de contextos e exemplos de aplicação gráfica do triângulo rosa é possível conectar diferentes discursos e intenções políticas. Seus diferentes usos, ao longo das décadas, evidenciam como foi sendo institucionalizado através de monumentos, nomes e logotipos de ONGs ativistas.

Em 1980, o símbolo gráfico aparece em cartazes alemães de combate ao neonazismo, sendo utilizado como objeto pontiagudo para quebrar a suástica neonazista⁹. O mesmo efeito foi aplicado em cartaz de protesto do *Queer Nation Berlin*¹⁰ representando um triângulo rosa ao lado de labitórios cor-de-rosa destruindo uma suástica nazista em 1992.

Já nos Estados Unidos, a *Revolta de Stonewall* em Nova Iorque, em 1969 - promovida por travestis negras e homossexuais - se tornou marco do início das lutas dissidentes. Na década de 1980, já no contexto do advento da epidemia de AIDS, o triângulo rosa aparece em cartaz¹¹ da campanha contra a medida que exigiria que portadores do vírus HIV tivessem que comunicá-lo publicamente, na Califórnia, EUA (Jensen, 2002). E em 1987, o símbolo é utilizado pelo coletivo ACT UP¹² de Nova Iorque, como símbolo de luta contra a epidemia da AIDS, junto às palavras de ordem *Silence = Death* (Silêncio = Morte) - em formato de cartazes e placas de protesto que comunicavam os efeitos devastadores da negligência diante da epidemia (Jensen, 2002).

Figura 3: Cartaz Silêncio = Morte - ACT UP. Poster idealizado por Avram Finkelstein, Jorge Socarras, Chris Lione, Charles Krelhoff, Oliver Johnston e Brian Howard. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Silêncio=_Morte



Assim, é nos mais diversos contextos de luta política na Europa, Estados Unidos, Austrália que o triângulo rosa configura memória de um trauma que se mostra mais vivo do que nunca

⁹ <https://nursingclio.org/2017/04/20/pink-triangle-legacies-holocaust-memory-and-international-gay-rights-activism/>

¹⁰ <https://www.outsmartmagazine.com/2023/06/the-pink-triangles-legacy/>

¹¹ <https://www.instagram.com/p/DDDRG0JyjNZ/>

¹² <https://actupny.com/>

até os dias atuais, aparecendo em manifestações como a do Black Lives Matter (Vidas Negras Importam) em 2014 e 2020, em São Francisco (EUA), como símbolo de apoio e união entre minorias, reforçando a interseccionalidade das causas sociais (Lobo, 2022). Ou ainda como banner de movimentos radicais e anticapitalistas *queer* na marcha de visibilidade transgênera na Austrália em 2023. O triângulo preto, por exemplo, é utilizado na bandeira do orgulho lésbico¹³ em algumas partes do mundo.

Figura 4: Banner da visibilidade transgênero, Austrália 2023. Autor: Matt Hrkac. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Triângulo_rosa



É também ao longo das últimas décadas, à medida que os movimentos políticos avançavam em conquistas, que diversos monumentos públicos de memória foram erguidos utilizando o triângulo rosa em países como Austrália, Estados Unidos e Espanha. Por exemplo, o *Homomonument* em Amsterdã na Holanda, desenhado por Karin Daan e construído em 1987 é um memorial arquitetônico realizado em granito rosa e se tornou um ponto central para a Parada do Orgulho da cidade.

¹³ https://en.wikipedia.org/wiki/Lesbian_flags

Figura 5: Homomonument. Autor: Geert-Jan Edelenbosch. Fonte:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Triângulo_rosa



O triângulo rosa no Brasil.

No contexto brasileiro, uma das primeiras menções sobre o triângulo rosa que pudemos apurar data de 1978 no pioneiro jornal 'homossexual' de circulação nacional *O Lâmpião da Esquina*, no artigo *Lembrando o triângulo rosa* de Francisco Bittencourt (1978 pg. 5): “Aos poucos, começa a vir à tona a verdade sobre o sofrimento dos homossexuais na Alemanha nazista e sob o fascismo em geral.”

A década de 1970 no país é marcada pela dura repressão da ditadura militar - recordemos a *Marcha pela Família em Deus pela Liberdade*, em 1964, que passaram a se chamar '*Marchas pela Vitória*' após a instauração da ditadura. O endurecimento do regime, extremamente conservador, restringe liberdades civis e aumenta a perseguição contra dissidentes, incluindo minorias sexuais e de gênero (Green, 2019). Na mesma década, no entanto, movimentos de mobilização política homossexual como o do grupo *Somos*, primeira organização pelos direitos gays em São Paulo, fundado em 1978 (Sobral, 2019), começam a se organizar. O grupo é organizado por escritores e editores do jornal *Lâmpião da Esquina*.

Já nos anos 1980, com a gradual abertura política e o fim da ditadura, os movimentos de luta política dissidente se fortaleceram. Surgem outros jornais independentes, como o realizado por mulheres lésbicas *Chanacomchana*. A década viu surgir novas organizações, como o *Grupo Gay da Bahia* em 1980 que usa adota o triângulo em seu logotipo que também dá nome ao seu Centro Cultural¹⁴. A luta contra a AIDS tornou-se um ponto central, com lutas travadas pela resposta do estado a esta epidemia avassaladora, como o intitulado Grupo *Triângulo Rosa* no Rio de Janeiro em 1985. No entanto, os avanços políticos eram acompanhados por reações violentas, como a perseguição às travestis pelo delegado Richetti em São Paulo (Green, 2019).

Como em outras partes do mundo, cada aparição do triângulo rosa evidencia significados contextuais que extrapolam o próprio triângulo rosa - aparecendo acompanhado de texto, em diferentes aplicações.

¹⁴ <https://grupogaydabahia.com.br/o-que-e-o-ggb/>

Nas décadas que se seguiram, os movimentos LGBTIAPN+ consolidaram-se como uma força política e social relevante no Brasil. A luta por direitos, como o casamento igualitário e a criminalização da LGBTfobia, resultou em avanços legais. O triângulo rosa foi institucionalizado por ONGs e movimentos. O triângulo é utilizado pelo Grupo *Triângulo Rosa* de Belford Roxo no Rio de Janeiro. Já em 2022, a ONG *Liberdade* de Santa Maria cria um troféu em forma de triângulo para homenagear pessoas e entidades da sociedade que colaboram para a diversidade e oportunizam espaços para a população LGBTIAPN+ na cidade.

Outros vestígios gráficos relevantes do triângulo rosa no Brasil foram apurados em meios pouco ortodoxos, como vídeos do YouTube. Em 1990, o cantor Renato Russo aparece vestindo camiseta com o triângulo rosa durante show em Porto Alegre (Arquivo Legião, 2021), e fala sobre a importância do triângulo: “Essa camisa que eu estou usando é o triângulo cor de rosa. Gente como eu tinha que usar isso em campos de concentração, só para vocês saberem. Do jeito que as coisas estão indo logo logo vocês vão ter que usar triangulozinho também, portanto cuidado crianças! Okay? Tô falando sério.” Em 1994, o triângulo rosa também ilustra o miolo do LP *The Stonewall Celebration Concert* do cantor¹⁵.

Em 2016, o triângulo rosa aporta no Brasil na obra de arte *Forma da Liberdade* do artista colombiano Carlos Motta, na qual constrói uma linha do tempo dos ativismos LGBTIAPN+ em relação com a história do triângulo rosa. A obra é apresentada em formato de áudio na 32ª Bienal de São Paulo¹⁶ e em exposições em São Paulo e Rio de Janeiro. Já o triângulo preto, utilizado na bandeira lésbica, aparece, por exemplo, em 2021, na bandeira utilizada pela Frente de Ativistas e Movimentos LGBTIAPN+ de Niterói e em 2023, na bandeira do movimento LesbiPará.

Em 2017, pintado à mão em papel a metro, e inspirado no cartaz ‘Silêncio = Morte’ do coletivo ACT UP, o cartaz emerge em protesto contra o fechamento e censura da exposição *Queermuseu*, no Santander Cultural em Porto Alegre, em resposta às pressões conservadoras do *Movimento Brasil Livre*¹⁷. Desta vez, de acordo com o autor (desconhecido), é a censura que é igual a morte.

¹⁵ https://youtu.be/fhUYijCDbZ0?si=WjMafa_n-yL80TBH&t=436

¹⁶ <http://32bienal.org.br/pt/soundfield/o/2870/>

¹⁷

<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/museu-de-porto-alegre-encerra-exposicao-sobre-diversidade-apos-ataques-em-redes-sociais.ghtml>

Figura 6: Cartaz na manifestação contra o fechamento da mostra *Queermuseu* em Porto Alegre 2017.

Foto: Guilherme Altmayer. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Triângulo_rosa



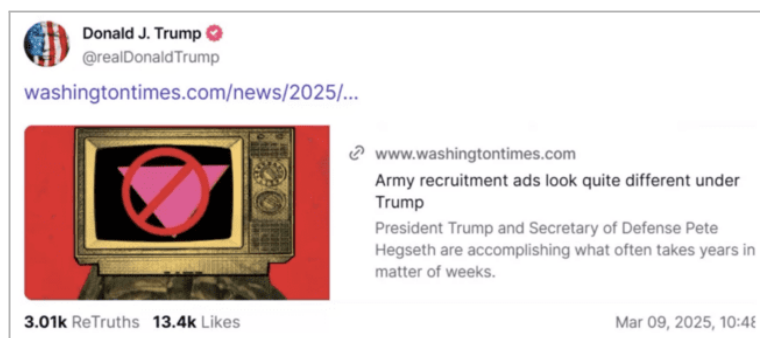
5 Considerações finais

Longe da pretensão de esgotar todas as ocorrências do triângulo rosa, buscamos evidenciar de forma inédita como, a partir de um recorte curatorial imagético e pontuais contextualizações históricas de movimentos políticos na Europa, Estados Unidos e Brasil, a multiplicidade de formatos gráficos usados em lutas dissidentes associadas a uma forma tão elementar quanto a de um triângulo rosa, conformam o que denominamos de memória gráfica LGBTIAPN+.

E para além, como suas múltiplas aplicações ganharam as ruas na forma de cartazes de protesto, bandeiras e posteriormente monumento aos homossexuais vítimas do nazismo, e troféus, logotipo - navegando através de diferentes tempos e espacialidades, como resposta não somente as violências cometidas pelo regime nazista, mas também como forma de evidenciar uma luta que não tem dia nem hora para acabar - sobre um trauma que para ser superado precisa ser lembrado.

Precisa ser lembrado também porque no apagar das luzes da finalização do presente artigo, nos deparamos com uma publicação em rede social do presidente Donald Trump de uma imagem de um triângulo rosa marcado como "proibido", para simbolizar seus esforços para impedir que pessoas trans atuem no serviço militar norte americano. A publicação evidencia um campo ainda em forte disputa simbólica.

Figura 7: Publicação de Donald Trump nas redes sociais em março de 2025. Fonte: UOL¹⁸



Evidencia-se assim, nesta pesquisa inédita, alguns vestígios de uma memória gráfica transnacional, fragmentada, precária, que não habita os anais da história oficial, mas que constitui memória coletiva LGBTIAPN+ que, apesar de apagamentos e interrupções, continua se fazendo presente em diferentes frentes de luta política.

Comunicar seus diferentes usos é também tarefa do design, ator relevante em ações gráficas de lutas políticas. E por isso os insumos aqui reunidos retroalimentam também o artigo sobre o triângulo rosa na Wikipédia¹⁹ como estratégia de história pública, prática extensionista e prática de memória continuada. Contar estas histórias, em múltiplos suportes, a partir da memória gráfica, é tarefa de um fazer história do design dissidente e implicada politicamente.

6 Referências

- Altmayer, G. (2022). *Tropicuir: Estético-políticas transviadas – memória, arquivo, design*. Ed. PUC-Rio – Numa Editora. https://doi.org/10.5151/designpro-CIDI2015-cidi_93
- Arquivo Legião. (2021, September 17). Renato Russo e o Triângulo Cor de Rosa Usado Pelos Nazismo. YouTube. <https://youtu.be/sitDmZhon50?si=en8o63Zel8BVOTrE>
- Campbell, A. (2019). *Queer X Design: 50 Years of Signs, Symbols, Banners, Logos, and Graphic Art*. Black Dog & Leventhal Publishers.
- Delgado, L. de A. N. (2009). *História oral e narrativa: Tempo, memória e identidades*. História Oral, 6. <https://doi.org/10.51880/ho.v6i0.62>
- Elman, R. (1996). *Triangles and tribulations: The politics of Nazi symbols*. Journal of Homosexuality, 30(3), 1-11. https://doi.org/10.1300/J082v30n03_01
- Farias, P. L., & Braga, M. da C. (2018). *O que é memória gráfica? Dez ensaios sobre memória gráfica*. Blucher.
- Fonseca, L. P. (2021). *Memória gráfica brasileira*. CHAPON - Cadernos de Design/Centro de Artes da UFPEL, 2, 6-24.

¹⁸ <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2025/03/13/triangulo-rosa-donald-trump.amp.htm>

¹⁹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Triângulo_rosa

Green, J. N. (2019). *Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX* (C. Fino & C. A. Leite, Trans.). Editora Unesp.

Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva*. Editora Revista dos Tribunais Ltda.

Jensen, Erik N. (2002). *The Pink Triangle and Political Consciousness: Gays, Lesbians, and the Memory of Nazi Persecution*. Journal of the History of Sexuality

Bittencourt, F (1978). *Lembrando o triângulo rosa*. Jornal O Lampião da Esquina - abril 1978. <https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/0-ed-jornal-lampiao-da-esquina-abril-1978/>

Lobo, R. S. (2022) *A reversão semiótica do Triângulo rosa como objeto dramático experimental e performático*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Goiás.

Liddington, J. (2011). *O que é história pública?* In J. R. de Almeida, M. G. O. Rovai. *Introdução à história pública / Juniele Rabelo de Almeida, Marta Gouveia de Oliveira Rovai* (Ed.). Letra e Voz.

Newsome, W. Jake (2022). *Pink Triangle Legacies: Coming Out in the Shadow of the Holocaust*. Cornell University Press. <https://www.jstor.org/stable/10.7591/j.ctv20t0zf3>

Nora, P. (1993). *Entre memória e história: A problemática dos lugares* (Y. A. Khoury, Trad.). *Projeto História*, 10, 7-28. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Nora, P. (2008). *Los lugares de la memoria*. Ediciones Trilce.

Portinari, D. (2017). *Queerizar o design*. Revista Arcos Design Rio de Janeiro, 10(1). <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign/article/view/30937>

Preciado, P. (2010). *Transfeminismo y micropolíticas del género en la era farmacopornográfica*. *Revista Ramona*, 99. <https://ahira.com.ar/ejemplares/ramona-no-99/>

Rorholm, M., & Gambrell, K. (2019). *The Pink Triangle as an interruptive symbol*. *Journal of Hate Studies*, 15(1), 63. <https://doi.org/10.33972/jhs.162>

Settingington, K. (2017). *Marcados pelo Triângulo Rosa*. Editora Melhoramentos.

Sobral, T. F. (2019). *Movimentos homossexuais no Jornal Lampião da Esquina (1978-1981)* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia].

Sociedade Brasileira de Design da Informação (SBDI). (2020). *Definições de design da informação*. <https://sbdi.org.br/definicoes/>

Sobre o(a/s) autor(a/es)

Guilherme Altmayer, Dr, ESDI/UERJ, Brasil <galtmayer@esdi.uerj.br>

Maria Mercante, graduanda, ESDI/UERJ, Brasil <mmercantee@gmail.com>

Larissa Lopes, graduanda, ESDI/UERJ, Brasil <lalopes@esdi.uerj.br>